

Saúde Paciente terminal tem orientação psicológica

PORTO ALEGRE — O paciente Paulo, um dos 17 portadores do vírus HIV abrigados no 6º andar do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, morreu tranqüilo, sem dores e não fez uso dos sedativos comumente aplicados em pacientes terminais de Aids. Ele fez parte de uma experiência sem similar criada pelos médicos Victor Petrillo, Ana Caramori e a enfermeira Marione Machado. O grupo está aplicando a técnica de psicoterapia no leito de morte.

Os médicos afirmam que a experiência não só reduz as dores dos pacientes como ameniza o sofrimento psicológico. Dos 22 pacientes tratados com psicoterapia, nos três últimos meses, 20 dispensaram uso de morfina. Só dois morreram sedados e com dores.

O tratamento reúne o ineditismo da prática (psicoterapia para quem sabe que vai morrer) com uma abordagem ainda menos convencional. O grupo está relatando aos pacientes a gravidade da situação e falando da possibilidade concreta da morte. "Todos os que foram tratados até agora



Victor Petrillo

afirmaram que o medo era da morte e não da doença. E achamos que o médico também precisa ajudar a morrer", diz Petrillo.

Diálogo — Além de ver essa como a primeira possibilidade de romper o tradicional enfoque de que os médicos não devem falar

sobre a morte, Petrillo argumenta que seus colegas precisam tratar também da morte dentro dos consultórios. "É preciso dar a garantia de que se houver 0,1% de chance de recuperação, vamos investir nele 100% de nosso trabalho. Mas se nem isso for possível, estaremos junto, ainda que seja nos últimos momentos", prega.

Ana, Victor e Marione decidiram deixar para trás o diálogo tradicional dos médicos, quando tratam de doentes sem chances de recuperação, geralmente repassando aos familiares: "Nada mais existe a ser feito pela medicina é uma frase que não usamos. Se até no leito de morte de quem está sofrendo é possível, com a psicoterapia, reduzir as dores, é porque a medicina tem o que fazer nesses instantes", preconiza Petrillo.